LIÇÕES DE MÉTODO: A SOCIOLOGIA DE BOURDIEU EM *A REPRODUÇÃO*[1]

Álcio Crisóstomo Magalhães[2]

> Os trabalhos científicos são parecidos com uma música que fosse feita não para ser mais ou menos passivelmente escutada, ou mesmo executada, mas sim para fornecer princípios de composição.
>
> Pierre Bourdieu

RESUMO: Esse artigo se propõe a retomar algumas reflexões epistemológicas do sociólogo Pierre Bourdieu esboçadas na obra *A Reprodução.* Pela mediação de alguns estudiosos que vêm se dedicando à tarefa de desvendar a complexidade do pensamento em questão e pelo enfrentamento de algumas obras posteriores, nas quais o próprio autor evidencia seu esforço de elaboração de um método de pesquisa, pretende-se fazer uma espécie de sociologia da sociologia que Bourdieu concebe, visando revelar os mecanismos de dominação. Nesse sentido, volta-se a um dos mais polêmicos objetos do autor, o sistema de ensino francês, para tentar descobrir se temos naquele enfrentamento teórico metodológico elementos suficientes que nos permitam identificar, já ali, uma espécie de ensaio daquilo que viria a ser uma lente de observação da realidade, ou seja, um aparato empírico de desnaturalização do mundo social. Portanto, trata-se do esforço de buscar em uma pesquisa do próprio Bourdieu elementos para uma melhor compreensão da totalidade do instrumento de investigação (método) por ele sistematizado no chamado método da teoria da prática.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia. Método de pesquisa. Bourdieu.

ABSTRACT: This article intends to resume some epistemological reflections of the sociologist Pierre Bourdieu outlined in the work Reproduction. Through the mediation of some scholars who have dedicated themselves to the task of unraveling the complexity of thought in question and the confrontation of some later works, in which the author shows his effort to establish a method of research, we intend to make a kind of sociology of sociology Bourdieu conceives, seeking to reveal the mechanisms of domination. In this sense, back to one of the most controversial author of objects, the French education system, to find out if we have that methodological theoretical confrontation sufficient evidence to enable us to identify, already there, a kind of test of what would be a reality observation lens, i.e., an empirical apparatus denaturalization of the social world. Therefore, it is the effort to search in a search of itself Bourdieu elements for a better understanding of the entire investigative tool (method) for it systematized the so-called method of practice theory.

[1] Esse texto trata-se de uma versão de uma discussão já publicada: MAGALHÃES, A. C. **Lições de Método**: a sociologia de Bourdieu na obra A reprodução. In: V Edipe, 2013, Goiânia. A qualidade da educação em debate. 2013.

[2] Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

KEY-WORDS: Sociology. Research method. Bourdieu.

1 Introdução

Se a tentativa de compreensão de um texto nunca pode ser entendida como tarefa fácil, o que dizer então, se a produção em questão for um desses escritos que de tempos em tempos aparecem, e ainda que a despeito das mais diversas críticas e polêmicas não deixam de, a cada nova leitura, suscitar estranhamento e exigir novos esforços de releitura e reinterpretação? Como não incorrer em equívocos interpretativos quando se tem à frente nada menos que a síntese de um complexo esforço analítico interpretativo de um autor instigado pela necessidade de conhecer, e ávido pela criação de um método próprio de interrogação e revelação da realidade aparente? Tendo o cuidado de encarar ambas as questões como premissas, esse trabalho pretende retomar a obra *A Reprodução*, do francês Pierre Bourdieu como objeto de estudo.

De modo a evitar que a ideia de retomada possa ser subentendida aqui como repetição de um exercício intelectual, já exaustivamente realizado e, portanto, como retorno a uma questão já esgotada, destaca-se inicialmente que essa investigação busca na referida obra vestígios daquilo que viria a se materializar mais adiante como um método de pesquisa, ou em outros termos, como a sociologia de Bourdieu. Nesse sentido, faz-se necessário organizar esse estudo em um duplo encaminhamento. Inicialmente, um levantamento bibliográfico de algumas publicações (livros, periódicos científicos e textos didáticos) de tradutores e comentadores que em diferentes momentos históricos tentaram compreender, a partir da leitura de *A Reprodução*, o pensamento sociológico de Bourdieu. Posteriormente, em um segundo momento, uma revisão de algumas obras através das quais o próprio Bourdieu vai elaborando e revelando seu método de pesquisa.

O primeiro movimento epistemológico possibilitará, em certo sentido, entender porque *A Reprodução* tornou-se uma espécie de *passaporte* de entrada de Bourdieu no Brasil, bem como compreender porque algumas das primeiras leituras da obra no país acabaram por sugerir uma espécie de síntese do pensamento educacional do autor ou a expressão de uma visão de mundo conservadora. Através dessa linha de reflexão será possível perceber o quanto o esforço de *enquadramento* ideológico de Bourdieu pode ter interferido na leitura de *A Reprodução.*

O segundo movimento, que deve ser entendido como central na discussão a que esse estudo se propõe, consistirá na fundamentação da tese que concebe essa obra como um dos marcos inaugurais do exercício de elaboração e verificação epistemológica que Bourdieu passou a desenvolver tendo por premissa a necessidade de construir um método fidedigno de desvendar a realidade. Para tanto, será importante a análise comparativa de *A casa ou o mundo às avessas*, um estudo da casa do povo Kabila, desenvolvido pelo autor quando de sua passagem pela Argélia e que traz elementos fundantes daquilo que décadas mais tarde viria a se constituir no chamado método da teoria da prática. Ao apresentar a organização da casa kabyla como objeto de estudo e meio de conhecer como se articulam em um grupo tribal do norte da África, a casa a aldeia e o cosmo, Bourdieu esboça, ainda que de modo rudimentar, uma espécie de chave de leitura do mundo social, que seria testada já nas suas primeiras pesquisas na França. Essa leitura comparativa permite compreender porque a escola francesa dos anos 1960 apresenta-se ao autor como objeto de estudo e *locus* ideal para o esboço dos primeiros conceitos que mais tarde viriam a ser fundamentais na construção de sua teoria da dominação, afinal de contas compreender como se constrói uma dominação consentida era a sua grande questão.

Desse modo, esse artigo se propõe a tentar compreender, pela mediação da obra *A reprodução*, o método de Pierre Bourdieu. Esse texto terá por pretensão voltar a um dos mais polêmicos estudos do autor para tentar identificar, no modo como esse enfrentou a problemática, indícios daquilo que à época Bourdieu vislumbrava como um novo método de observação da realidade, ou a possibilidade de ir adiante a partir da complexidade do itinerário aberto por seus predecessores Marx, Weber e Durkheim. Portanto, trata-se do esforço de buscar em uma pesquisa do próprio Bourdieu elementos para uma melhor compreensão da totalidade do instrumento de investigação (método) por ele sistematizado.

Desconfia-se que a releitura de *A Reprodução*, tendo por fio condutor a realização desse duplo movimento investigativo, além de se constituir em um exercício intelectual mediado pelo próprio método da teoria da prática, o que no caso o autor talvez batizasse de sociologia da sociologia de Bourdieu, o estudo que se segue propõe-se também ao desafio de mapear na obra em questão os elementos que a singularizam como revolucionária, ou seja, como experiência científica de fato.

2 Todo sólido se desmancha, nada é o que aparenta*:* o *qui pro quo* das Ciências Sociais

Por volta de meados dos anos 1960 a juventude das camadas sociais altas e médias de grande parte da Europa Ocidental e dos Estados Unidos coloca-se em movimento. De passagem dos campus universitários para as avenidas dos grandes centros urbanos, conclamam os jovens de todo o mundo a uma grande recusa a todo o *status quo* dominante e a uma adesão a "(...) novas maneiras de pensar, modos diferente de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas, (...) um movimento social de caráter fortemente libertário" (PEREIRA, 1986, p. 8). A opção por um novo tipo de música (rock), o clamor por um outro tipo de arte, de roupa, de cabelo, a adesão a diferentes modos de misticismos, a oposição a qualquer tipo de repressão e a negativa de todos os padrões de comportamento, literalmente, indicavam os sinais dos tempos. A ruptura com os valores de todas as instituições socialmente consagradas (família, escola, igreja, etc) e a oposição a tudo que sugerisse enquadramento, esteriotipação de comportamentos e massificação era considerado como uma espécie de antídoto. Uma vacina contra os males do processo de adaptação a que foram submetidos os sujeitos sociais, por imposição das grandes transformações político-econômicas do Pós segunda Guerra Mundial.

De acordo com Antônio Gramsci em *Americanismo e Fordismo* uma concepção de produção gestada no interior da indústria automobilística dos Estados Unidos forjou na Europa uma nova lógica fabril que dependeria de um novo processo civilizatório para ser assimilada de modo coletivo. "Na América, a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, conforme ao novo tipo de trabalho e de produção" (GRAMSCI, p. 382). Na Europa, o modo de viver apegado à tradição e ao desfrute da herança exigiu violentos procedimentos educativos visando a operacionalização do novo modo de pensar, agir e viver, ou seja, de uma nova hegemonia, isto porque "(...) a vida na indústria exige um tirocínio geral, um processo de adaptação psicofísico para determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes, etc,. que é não inato, 'natural', mas requer uma assimilação" (GRAMSCI, 382, p. 391). Contudo, a promessa de expansão dos benefícios dochamado milagre econômico do capitalismo norte americano aos países do velho continente era a forte justificava para tal adesão. Parafraseando Hobsbawn, a era de ouro do capital americano pós-1945 chegava para toda a Europa pós-guerra. O método de produção em

série de Henry Ford é o emblema dessa nova matriz produtiva orientada pela exploração máxima da mão-de-obra, incorporação de inovações científico-tecnologias e massificação do consumo.

Em contraposição ao discurso ideológico da tecnocracia, da modernização, da racionalização produtiva pela mediação do par planejamento/burocratização e do consumismo desenfreado a juventude elegera como estratégia de enfrentamento a negação de todo tipo de imposição moralista, e de qualquer tentativa de padronização. Essa era a grande bandeira da chamada revolução cultural do emblemático maio de 68, movimento estudantil de busca da ruptura com os valores burgueses, adesão ao estilo dos grupos marginais e da politização dos movimentos sociais.

É nessa atmosfera política de transformações econômicas, ebulições socais e contraposição de dicotomias, indivíduo/sociedade, recusa/adesão, otimismo/pessimismo, pleno emprego/desemprego, liberdade/repressão, reforma/revolução, alinhamento/oposição que Pierre Bourdieu desenvolve toda sua carreira acadêmica. Na década de 1950, como aluno do curso de filosofia da *École Normale Supérieure*, professor de Liceu, assistente na Faculdade de Letras de Argel e nos anos 1960, de volta a Paris, como professor assistente, orientador pedagógico de estudos superiores e diretor de estudos na *École dês HautesÉtudes em Sciencias Sociales*. Portanto é no calor de um fervoroso debate ideológico no qual entram em questão praticamente todos os valores e certezas até então postas (luta de classes, potencial revolucionário da classe trabalhadora, utopia comunista, socialismo real, imperialismo, condição feminina, conceito de arte e cultura, moral religiosa, sentido da família, concepção de escolarização, função do conhecimento, etc) que Bourdieu inicia seus estudos. Lança-se ao desafio de conhecer. Pode-se dizer que é na privilegiada condição de pesquisador participante que Bourdieu conhece e elabora um método particular de questionar a realidade.

Ao longo de duas décadas de convivência no epicentro dos movimentos de contestação da ordem, os liceus e as grandes universidades de Paris, bem como no norte da África, na ação militar francesa, contra as tentativas de enfrentamento do povo argelino, o autor não poderia, como não o fez, deixar de produzir uma obra eminentemente orientada pelos estranhamentos que a concretude do seu tempo histórico colocaram para apreciação dos seus sentidos.

> Foi na Argélia, durante um serviço militar imposto pela guerra (...) que Pierre Bourdieu descobre a sociologia e a antropologia e se desvia da filosofia, mais precisamente, da fenomenologia (...) Essa mudança de orientação não tem motivos puramente intelectuais. Perante o horror que o cerca, dar um sentido àquilo em que ele se encontra preso – assim como a maioria dos jovens intelectuais de sua geração – e, do mesmo modo, em relação à emoção imediata, assumir uma distância reflexiva que, sem incorporá-la, permite dominá-la e orientá-la para a ação (BOLTANSK, 2005, p. 155).

Isso explica a diversidade dos assuntos abordados em sua obra, e corrige o equívoco interpretativo de leituras isoladas e apressadas que além da tentativa de enquadramento teórico, ainda pecam por não tentarem buscar a unidade epistemológica nas pesquisas do autor. A variedade das temáticas desenvolvidas além de evidenciar aquilo que o autor entendia por desnaturalizar o objeto, revela sua intenção de testar ou validar o método que ele desenvolvera, ou seja, sujeitar seus estudos à seu próprio método. Bourdieu buscava elaborar uma pedagogia da pesquisa. Portanto, mais que criar uma música para ser contemplada, pretendia desenvolver princípios de composição.

No contexto de crise de valores, contestações e rupturas da década de 1960, Bourdieu começa a desconfiar que as respostas para suas indagações, que não eram outras, se não as mesmas já postas pela sociologia de até então, ou seja, compreender os elementos fundantes da relação indivíduo/sociedade, só poderiam surgir de uma análise etnográfica que considerasse as múltiplas relações que se estabelecem entre os espaços sociais de ação dos indivíduos isolados, agrupados em dada coletividade e na esfera do universal. Por isso, "(...) 'uma obra multiforme em inúmeros terrenos, sempre com a preocupação de que a elaboração teórica não fosse nunca totalmente separada do trabalho empírico', integrando outros aspectos em suas reflexões" (CATANI, et alli, 2001, p. 129).

> Em seu *Esquisse d'une théorie* de la pratique publicada em 1972, Pierre Bourdieu apresenta uma reflexão rica e instigante sobre a organização do espaço social (físico e simbólico) entre os Kabila do Sahara argelino, em um artigo intitulado _ "La maison ou le monde renversé*"*. Trata-se de uma análise etnográfica onde o autor chama a atenção para as múltiplas relações que se estabelecem entre categorias do pensamento kabila relativas a espaços sociais como a casa, a aldeia e o cosmos (SILVA, 2002. p.152).

Nesse texto (*A casa ou o mundo ao inverso)*, redigido em meados de 1960, Bourdieu evidência a cultura como elemento mediador da relação indivíduo/sociedade, ou em outros termos, como elemento de efetivação da dominação consentida. Porém,

descobre que a compreensão de cultura deveria superar o paradigma do mero contato, da aproximação ou da descrição de um *corpus* produzido (objetos de decoração, obras de arte, vestígios escritos, rituais, etc). Percebe que seria necessário ir além, conhecer a *hexis* (forma como o corpo se expressa) e o *ethos,* (valores interiorizados e reproduzidos) que compõe ou compuseram esta cultura *(habitus*). Só dessa maneira seria possível conhecê-la de fato. Assim, por exemplo, somente entender a língua, descrever isoladamente aspectos da casa ou mesmo da localização geográfica da tribo cabyla do norte da África, por exemplo, não seria suficiente para conhecer os mecanismos de produção da coesão daquele povo. Além disso, seria necessário desvelar, em todos os níveis, como esses sujeitos sociais se relacionam, como e porque manuseiam os objetos de trabalho, enfrentam a natureza e se comunicam com o cosmo (exteriorizam). É nesta perspectiva que Bourdieu adentra uma particularidade para conhecer a universalidade daquele povo, no caso seu objeto de estudo. Desse modo,

> (...) a 'casa cabile' é compreendida, ao mesmo tempo, a partir da realização de categorias muito gerais da cultura cabile, que não poderiam ter sido revelados simplesmente pela observação da casa tomada de maneira isolada e, por conseguinte, sem o recurso a um *corpus* mais vasto, acumulado de forma objetivada, assimilando-se a uma coleção de objetos heteróclitos (contos, provérbios, ritos, mas também objetos da cultura material, etc,) e a partir da maneira como um indivíduo singular, cuja corporeidade assegura a presença no mundo, e que deve orientar seus movimentos no espaço desloca-se em relação a casa. Com efeito, para esse autor, a casa não é uma simples coisa colocada num espaço cartesiano e que ele poderia considerar, de certo modo, a partir do exterior (BOLTANSK, 2005, p. 157 e 158).

É partindo dessa premissa epistemológica que Bourdieu (2001, p. 11) busca construir seu método. Ao perceber que a sociologia, uma vez que esta trava "(...) a luta pelo monopólio da representação legítima do mundo social (...)", poderia responder às suas grandes inquietações o autor estabelece as duas condições norteadoras de seus estudos. A primeira entende que somente o conhecimento sociológico poderia revelar os mecanismos da dominação, pois "o conhecimento exerce um efeito libertador, uma vez que tais mecanismos devem parte significativa de sua eficácia ao desconhecimento" (MARTINÊZ, 1999, p. 97). Já a segunda, preconiza que "(...) não se entra na sociologia sem romper com as aderências e adesões através das quais pertencemos a grupos, sem abjurar as crenças constitutivas dessa pertença e renegar todo e qualquer laço de afiliação ou filiação" (BOURDIEU, 2001 p. 5).

Diante daquilo que compreendia como limites teóricos dos modelos analíticos explicativos construídos entre o final do século XIX e a segunda metade do seguinte,

nos campos da antropologia, filosofia e da sociologia, Bourdieu percebe nessa última a possibilidade de construir um arcabouço científico metodológico que permitisse a resolução do problema do antagonismo epistemológico objetivismo/subjetivismo, a grande aporia das ciências humanas. Ou seja, uma solução teórico-explicativa para o dilema das mediações que se interpõem à relação do agente social (indivíduo) com a estrutura (base material da sociedade).

Movido por essa problemática, Bourdieu vai buscar em Marx, Weber e Durkheim, elementos para a construção de um instrumento científico que lhe permitisse conhecer como se articulam no mesmo espaço de produção da existência humana a vontade individual e as determinações coletivas, ou seja, "descobrir porque e como o mundo dura, persevera no ser e se perpetua [em] ordem social (...)" (BONNEWITZ, 2003, p. 67). Considerando a relevância de cada um dos três para a compreensão dessa relação, contudo compreendendo a necessidade de uma complementariedade as carências, limitações ou insuficiências interpretativas de cada uma das matrizes teóricas, Bourdieu busca uma superação do pensamento sociológico existente como meio de superar o enredamento em que se encontrava as Ciências Sociais em seu esforço de conhecer (consciência, inconsciência, finalismo ou mecanicismo). Para isso, parte do pressuposto da necessidade de compatibilização destes, que ele chama de fundadores da sociologia para a construção de seu método de pesquisa. Sua intenção era apoiar-se em todo pensamento disponível para produzir a superação do mesmo. Reproduzir os melhores produtos dos pensadores predecessores de modo a, colocá-los a funcionar à serviço de um pensamento produtivo.

Retomando a obra de Marx (1818-1883), Bourdieu apreende que o conhecimento dos mecanismos de coesão de um dado grupo social só seria possível se levasse em conta, por um lado a totalidade e a historicidade das relações que os sujeitos sociais estabelecem com seus pares e com a natureza, de modo a satisfazer suas necessidades materiais de existência e por outro, as contradições advindas dessas relações de produção. Portanto, até certo ponto concorda que é na materialidade quotidiana das relações de produção e reprodução da vida que se forjam e se naturalizam as desigualdades, a hierarquia social, por conseguinte a dominação.

Contudo, ao perceber que o encaminhamento dado pelo chamado marxismo estruturalista[3] aos estudos de Marx não encontrava respaldo no real ou era insuficiente para revelar a realidade concreta de sua época, como já se observou, um período de crises do movimento operário europeu[4], de contradições do socialismo real[5] do leste europeu, da materialização do Estado de Bem Estar Social[6], da redefinição do conceito de cultura e de massificação de novos padrões de comportamento pelachamada indústria cultural[7], etc, Bourdieuvai se ancorar em Weber (1864-1920) para formular respostas mais precisas aos novos questionamentos impostos pela complexificação das relações da sociedade capitalista.

Então, se "tudo leva a supor que a teoria econômica (...) em vez de ser modelo fundador, deve antes ser pensada como um caso particular da teoria dos campos", faz-se necessário lançar mão da sociologia compreensiva de Max Weber, ou seja, aceitar que não se pode desvendar a dialética indivíduo/sociedade levando-se em conta apenas o pressuposto econômico, ou considerar que a estrutura seja o único motor das ações dos sujeitos, o palco de atuação de atores sociais com papeis pré-determinados. (BOURDIEU, 1989, p. 69). Assim Bourdieu encontra os elementos explicativos que lhe permitiriam pensar em uma certa autonomia do indivíduo, uma espécie de margem de manobra para a ação individual no interior do universo social. "(...) Ao reinterpretar numa perspectiva relacional a análise de Weber (...) me achei de repente no meio de propriedades gerais, válidas nos diferentes campos" (BOURDIEU, 1989, p. 68).

---

[3] Aqui é necessário mencionar que Bourdieu não entende que as limitações desse estruturalismo, que concebia os sujeitos sociais como atores representando papéis pré-determinados, fossem motivos para sua completa recusa. Segundo Miceli (1999), o autor vale-se desses estudos para construir os instrumentos teóricos e metodológicos que lhe permitiriam descobrir a lógica imanente de um bem simbólico. Essa ressalva é importante, pois evidencia o duplo sentido da obra de Bourdieu: além de conhecer um dado objeto, o autor buscava elaborar um método de pesquisa para as Ciências Sociais.

[4] A diversificação das relações de produção e a complexificação do conflito capital/trabalho no Pós-segunda guerra mundial (desenvolvimento do setor de serviços) leva Bourdieu a pensar em uma segmentação das classes sociais. Para o autor, entre a burguesia e a classe trabalhadora passaria a interpõr-se um grupo intermediário com pretensões burguesas (fracionamento da luta de classes). Bourdieu chama de pequena burguesia os artesãos, comerciantes, professores primários, funcionários, executivos médios de empresas privadas, técnicos, profissões artísticas, intelectuais, assessoria, etc.

[5] A experiência do socialismo real da União Soviética, revelava-se ao mundo como um socialismo de Estado que além de não conseguir produzir a emancipação e a igualdade substantiva dos sujeitos sociais, construía sua coesão social pelo uso da força pura, da coerção, da limitação de direitos e da inculcação de crenças e ideologias.

[6] O Estado que historicamente fora apresentado como um ente que deveria ser superado por seu caráter repressor, passa a ser o agente de promoção de uma espécie de rede de proteção social e integração do cidadão europeu.

[7] A arte que já fora idealizada e produzida como estratégia de resistência e enfrentamento da ordem (desalienação) ganha um valor de troca e se transforma em fetiche, meio de produzir a mistificação do mundo ou nova forma de dominação.

De acordo com Weber, apesar da relevância da materialidade das relações de produção e reprodução da vida no encadeamento dos laços de uma sociedade, apenas esse aspecto não seria suficiente para compreender a ação dos sujeitos sociais em uma dada estrutura. Seria necessário levar em conta principalmente a subjetividade do indivíduo no processo de conformação do tecido social. Daí o esforço do autor para examinar ou analisar as instâncias e as instituições (aparelhos de produção simbólica) de legitimação da dominação, espaços de disputa pelo poder e de produção do consentimento. "O tema central diz respeito, portanto, às relações entre sistemas simbólicos – como por exemplo, as crenças religiosas, ou então, a indústria cultural – e o sistema de classes e grupos de status, e a estrutura de poder daí resultante" (MICELI, 1999, LII).

Desse modo, pode-se dizer que pela mediação da teoria weberiana, principalmente no que se refere à demonstração dos fundamentos sociais das atividades de simbolização, Bourdieu joga um potente facho de luz sobre aquele viria a se constituir em seu método de questionamento, interpretação e conhecimento da realidade.

De posse desses utensílios teóricos Bourdieu poderia retomar seu esforço de criação de uma *lei social,* permanecendo-se assim fiel à sua matriz teórica**,** durkheiminiana, porém contrapondo-se ao pensamento objetivista que "(...) constrói uma teoria da prática mas somente enquanto subproduto negativo" (ORTIZ, 1983, p. 11). Portanto, permanece defendendo a necessidade de um método de pesquisa objetivo para explicar os fenômenos sociais tal qual as ciências exatas e biológicas explicam os fenômenos naturais, Ou seja, não abre mão do esforço de "(...) converter problemas muito abstratos em operações científicas inteiramente práticas (...)"(BOURDIEU, 1989, p.20). Contudo, contrapõe ao positivismo reificador dos processos sociais, à idéia de consciência coletiva fora dos indivíduos e normatizadora (coercitiva) dos mesmos, à ideologia da ação social deduzida de um sistema de representações fora do alcance do ator social, e à tese do agente social objetivado por uma estrutura que lhe é exterior, uma concepção de conhecimento praxiológico capaz de superar e conservar o objetivismo. Um conhecimento que "(...) não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas conserva-os e os ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve que excluir para obtê-las" (ORTIZ, 1983, p. 48).

Considerando o pressuposto do subjetivismo ou da necessidade de compreender a ação subjetiva do sujeito e seu significado, mas revelando seus limites, por entender que a ação, nesse caso, acaba sendo concebida como núcleo de significação do mundo e a sociedade interpretada como expressão de intersubjetividades, conforme Ortiz (1983), Bourdieu reintroduz o agente social negligenciado pelo objetivismo. Portanto, considera que a ação do indivíduo seja a expressão de um *modus operandi* objetivamente estruturado, porém recusa a compreensão de que esse fazer seja mero condicionamento ou resignação diante de um conjunto de normas metafísica e eternamente instituídas.

> A reprodução da ordem não se confina simplesmente aos aparelhos coercitivos do Estado ou às ideologias oficiais, mas se inscreve em níveis mais profundos para atingir inclusive as representações sociais ou escolhas estéticas. Ela é, neste sentido, dupla e se instaura objetiva e subjetivamente (ORTIZ, 1983, p. 25).

Desse modo, compreendendo que os fenômenos sociais, por um lado, estabelecem relações entre si e obedecem a uma dada regularidade (lei social), mas que por outro, ao mesmo tempo, que determinam, tendem a ser influenciados pelas ações dos atores sociais, Bourdieu passa a defender o que ele entende por estruturalismo genético ou crítico. Em outros termos, a superação da oposição criada em torno da polêmica do subjetivismo e do objetivismo. Portanto, a pesquisa sociológica, balizada pelo esforço de procurar todas as mediações existentes entre o sujeito social e a história ou a história social, ou seja, capaz de revelar, em todas as minúcias, o modo como se articulam estrutura e ator ao longo do processo de sedimentação do amalgama social. Dito de outro modo, capaz de revelar como se produz a dialética da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade.

Por esse motivo, pode-se dizer que essas três matrizes do pensamento sociológico são decisivas para o desenvolvimento dos conceitos de *hábitus e* campo, categorias fundantes da teoria por meio da qual Bourdieu articula dialeticamente ator e estrutura de modo a revelar os motores da ação humana em dado contexto social.

> As práticas resultam da relação dialética entre uma *estrutura* – por intermédio do *habitus* como *modus operandi* – e uma conjuntura entendida como as condições de atualização deste *habitus* e que não passa de um estado particular da estrutura (MICELI, 1999, p. XL).

Para o autoro método da teoria da prática ou do conhecimento praxiológico dá cabo à grande questão da problemática sociológica posta desde o século XIX. Bourdieu o faz ao "(...) encontrar a mediação entre agente social e sociedade, homem e história."

(ORTIZ, 1983, p. 14). Em outros termos, por um lado, o pressuposto da existência de um espaço de ação (campo), estruturado a partir de uma distribuição desigual de um *quantum social* (capital social) que orienta a posição dos sujeitos sociais em seu interior. O "(...) *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos (...)" (ORTIZ, 1983, p. 19). Por outro, a crença na interiorização de uma exterioridade e adequação da ação do indivíduo segundo sua posição social no interior desse campo. Aquilo que Bourdieu define como *habitus*ou "sistema de percepções duráveis e matriz de percepção, de apreciação e de ação, que se realiza em determinadas situações sociais" (ORTIZ, 1983, p. 19*).* A mediação entre sujeito social e sociedade (objetivsmo/subjetivismo). Conforme Miceli,

> (...) um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e constantemente repostas e atualizados ao longo da trajetória social restante, que demarca com os limites à consciência possível a ser mobilizada pelos grupos e/ou classes sendo responsáveis, em última instância pelo campo de sentido em que geram as relações de força (MICELI, 1999, p. XLIII).

Nesse sentido, uma grade de percepção social (compreensão do real), uma categoria que permite conhecer de modo objetivo os mecanismos de produção da consciência e da vontade (práticas e representações) dos agentes sociais no interior de um *locus* de poder que está em constante disputa. "Dentro desta perspectiva resolve-se o problema da adequação entre ação subjetiva e objetividade da sociedade, uma vez que todo ator age no interior de um campo socialmente predeterminado" (ORTIZ, 1983, p. 19). Por isso Bourdieu, entende que todo problema explica-se ou revela-se na compreensão da mediação que se estabelece entre o *habitus* (pré-disposições estruturadas e estruturantes) e o campo (espaço social autônomo e orientado pela disputa pelo poder). Conforme o autor o princípio da ação não estaria na consciência do sujeito social como define o pensamento subjetivista, bem como, também não se encontraria na coercitividade dos fatos sociais como aponta o objetivismo. Segundo análise de Martins (1987), o motor da ação estaria na relação entre a história objetivada (materializada nas instituições sociais), e a história incorporada sob a forma de pré-disposições duráveis.

3 O método da teoria da prática *em prática*

Se a obra de Bourdieu é inteiramente marcada pelo duplo desafio de compreender os mecanismos de mediação da relação sujeito/sociedade e elaboração de um método de pesquisa capaz de revelar/desnaturalizar o mundo aparente, a escola não poderia deixar de ser um de seus primeiros objetos de problematização científica. Não bastasse o fato de a instituição ter, por excelência, a tarefa de produção da coesão, ou seja, educar os indivíduos para conviverem em uma ordem social dada, grande parte dos estudos que precedem Bourdieu constroem uma espécie de consenso em torno da relevância do papel social da escola. Não eram raros, no turbilhão político ideológico dos anos 1960, os discursos e/ou estudos científicos que vinculassem a escolarização à possibilidade de transformação da condição individual e, até mesmo, da ordem político-econômica, pela produção de consciências revolucionárias.

Sendo assim, a escola apresenta-se para Bourdieu como *lócus* privilegiado de observação. Por um lado, devido a seu poder de inculcação e de produção do consentimento pela adesão ao arbitrário burguês, que acaba ganhando aspectos de legítimo ou incontestável. "(...) Sem dúvida alguma, é a instituição escolar que, mais do que nenhuma outra, legitima e reproduz a hierarquia cultural" (BONNEWITZ, 2003, p. 111). Por outro lado, pesquisar a escola seria uma possibilidade de Bourdieu verificar elementos muito importantes de sua concepção de ciência, daquilo que vinha elaborando como método de desmistificação do real.

Não por acaso Bourdieu desenvolve sua pesquisa sobre o sistema de ensino francês, publicada sob o título de *A reprodução*, no final dos anos 1960 e início de 1970. Na verdade, trata-se do mesmo período em que está retornando à França, vindo de uma missão militar na Argélia, de onde traz os elementos para o desenvolvimento de seu *Esquisse d'une théorie de la pratique*[8], de 1972. Dessa sua experiência na África não só percebe que a abordagem cultural seria fundamental para compreender as mediações que se estabelecem entre o sujeito e o grupo social em dada sociedade, bem como passa a vislumbrar a possibilidade de elaborar, a partir de tal entendimento, um método de estudo capaz de revelar todos os mecanismos de produção da coesão social. Portanto, é entre esse período, final da década de 1960, e início da década de 1970, que Bourdieu elabora os conceitos centrais de sua teoria. O de *habitus* em 1967 e o de campo em 1971. Já de posse de suas duas principais grades de observação e explicação

[8]*Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudes de etnologia kabila.* Como o próprio nome revela é a obra através da qual Bourdieu apresenta indícios daquilo que viria a se constituir em seu método de pesquisa.

do real, e ávido por objetos que lhe permitissem testá-los, Bourdieu percebe no sistema de ensino francês um campo ideal para experimentação inicial.

Um ambiente dotado da áurea do sagrado, do poder de redimir as pessoas de todos os seus males e vícios de origem. O espaço da equalização dos indivíduos. Assim era percebida a escola. A partir de uma visão quase mítica, apresentavam-na como uma das instituições emblemáticas dos ideais das revoluções burguesas (econômica e política) e como tal, revolucionária por excelência. Através dela todos os indivíduos teriam a liberdade total para se fazerem como seres, ascenderem socialmente e tomarem as posições que pretendessem no interior da nova estrutura econômica. Conforme Bonnewitz, essa era uma vontade ideal que acabara virando crença.

Ao longo das últimas décadas do século XIX e primeiras do XX elabora-se na Europa uma espécie consenso acerca do caráter democratizante e redentor da escola. Não por coincidência,

> desde os anos 1950, assiste-se a um inegável crescimento dos efetivos escolares. Alguns falam de democratização do ensino para explicar o fenômeno. O crescimento dos efetivos no ensino superior se acelera mais ainda a partir do início dos anos 90 (...) (BONNEWITZ, 2003, p. 122).

Em consonância com os apelos progressistas e até conservadores de abertura da escola para os trabalhadores, um contingente populacional começa a adentrar a instituição. Na esteira dessa perspectiva desenvolvem-se inúmeros estudos com o objetivo de demonstrar como essa instituição poderia realizar a contento sua missão. Como o simples acesso à escola era entendido como a condição de equalização das condições em lugar das desigualdades hereditárias, pensava-se que "(...) o aumento das possibilidades de ensino não apenas induziria uma redução das desigualdades, mas também proporcionaria uma maior mobilidade social" (BONNEWITZ, 2003, p. 122).

Diante desse quadro, Bourdieu, que como já se observou tivera a escola como o *locus* predominante de sua ação social (aluno, professor e pesquisador) e, desde cedo já tivera a oportunidade de perceber na prática, que esta não se tratava de uma instituição tão neutra ou benévola assim, desconfiou que o sistema de ensino francês pudesse constituir-se em um objeto significativo para a experimentação do seu método da teoria da prática.

Se a sua grande inquietação era, por um lado, elaborar uma técnica (heurística) que lhe permitisse solucionar problemas de caráter sociológicos e, por outro, experimentar a validade desse método para a compreensão de todos os fenômenos sociais, ou seja, produzidos na relação ator/estrutura, a escola apresentava-se como

objeto de estudo ideal. "As estratégias escolares são um elemento central das estratégias de reprodução e afetam as outras estratégias" (BONNEWITZ, 2003, p. 128). Essa compreensão é fundamental para a leitura de *A reprodução,* uma vez que é com esse entendimento que Bourdieu se propõe a estudar as minúcias do processo de escolarização da França. Com isso poderia testar os *utensílios* que vinha elaborando com o objetivo de colocar em xeque todos os axiomas que se apresentavam como crença ou verdades incontestes.

> Ao contrário da afirmação de que a escola [era] uma instituição neutra a serviço de um saber universal e racional, que [permitiria] a promoção individual, a sociologia bourdieusiana [desconfiava] que ela [era] uma das instituições centrais de reprodução dos privilégios culturais (BONNEWITZ, 2003, p. 129).

Não é difícil entender sua inquietação. Afinal de contas, problematizar acerca de uma instituição de educação, ou seja, de socialização por excelência, criada como estratégia de produção da coesão e proclamada, pelas mais diversas correntes de pensamento, das mais conservadoras às mais radicais, como capaz de transformar o mundo em um ambiente mais humano e civilizado, seria uma possibilidade concreta de conhecer uma instância de produção do consenso e, por extensão, a oportunidade de experimentar as categorias através das quais o autor acreditava ser possível desnaturalizar o mundo pela revelação dos processos de dominação. Isso porque,

> os trabalhos científicos são parecidos com uma música que fosse feita não para ser mais ou menos passivelmente escutada, ou mesmo executada, mas sim para fornecer princípios de composição (BOURDIEU, 1989, p. 63).

Nesse sentido, faz-se necessário entender *A Reprodução* como exercício de elaboração e verificação epistemológica. Bourdieu, àquela altura já havia entendido que suas inquietações, muito mais que filosóficas ou antropológicas, eram de caráter sociológicas. Então, se sua grande premissa era desvendar os mecanismos da dominação legítima ou consentida, seria necessário partir da reaproximação das "(...) teorias clássicas dos fundamentos do poder, as de Marx, de Durkheim e de Weber (...)". (BOURDIEU, 1975, p. 19). Através dessa retomada conceitual o autor acreditava ser possível conhecer as mediações que se estabelecem na relação indivíduo/sociedade e, por conseguinte, elaborar os princípios de um conhecimento sociológico de fato, ou seja, capaz de revelar a lógica de estruturação da ordem social. Por isso, sua decisão de conhecer o sistema de ensino francês, *locus*, por excelência de educação ou da reprodução social. Bourdieu desconfiava que a ação pedagógica, ou o fazer quotidiano

da escola, não poderia efetivar-se através de outro expediente que não fosse a violência simbólica. Assim, estudar a lógica de estruturação e a dinâmica de funcionamento dessa instituição, um espaço simultaneamente autônomo e dependente do todo social, apresentava-se ao olhos do autor como uma possibilidade de compreender os mecanismos de produção desse tipo de violência e, por conseguinte, elaborar as bases do conhecimento sociológico.

> Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força. (...) Recusar este axioma (...) resumir-se-ia a negar a possibilidade de uma ciência sociológica (...) (BOURDIEU, 1975, p. 18).

Fiel à tese de que o estudo de um objeto não serve apenas para descrevê-lo em minúcias, mas, principalmente para aprimorar o método de pesquisa, Bourdieu percebe a organização escolar como objeto ideal para a reelaboração de categorias científicas e experimentação dos seus recém elaborados conceitos de *habitus* e campo.

Pelo estudo da ação pedagógica (AP) Bourdieu descobre que todo trabalho pedagógico (TP) funciona como instrumento de produção de uma realidade que se assenta sobre representações que dissimulam e legitimam a violência da relação dominação/subordinação.

> Enquanto a violência aberta, a do usuário ou do senhor sem piedade, choca-se com a reprovação coletiva e se expõe a suscitar seja a resposta violenta, seja a fuga da vítima (...), a violência simbólica, violência branda e invisível desconhecida como tal, escolhida tanto quanto sofrida, a da confiança, da obrigação, da fidelidade pessoal, da hospitalidade, do dom, da dúvida, do reconhecimento, da piedade, de todas as virtudes, em uma palavra, que honra a moral da honra, impõe-se como o modo de dominação mais econômico porque é o mais conforme à economia do sistema (BOURDIEU, 2009, p. 213).

Essa descoberta possibilita-lhe evidenciar, pela mediação de seus dois conceitos chaves, a dinâmica do processo de imposição de um arbitrário cultural e construção do consenso, ou seja, permiti-lhe desvendar a engrenagem de regulação das relações dos indivíduos entre si, em dado espaço social. Com isso a manutenção da coesão social pelo uso da força física pode ser utilizada apenas como ameaça velada e estratégia limite, para os casos isolados de ameaça à ordem social.

> Enquanto trabalho prolongado de inculcação que produz um habitus durável e transponível, isto é, inculcando ao conjunto dos destinatários legítimos um

> sistema de esquemas de percepção, de pensamento, de apreciação e de ação (parcial ou totalmente idênticos), o TP contribui para produzir e para reproduzir a integração intelectual e a integração moral do grupo ou da classe em nome dos quais ele se exerce (BOURDEIU, 1975, p. 47).

Em outros termos, o sistema de ensino francês de meados do século XX apresenta-se a Bourdieu como o local de inculcação, pela ação do trabalho pedagógico, de um *ethos* e de uma*hexis* corporal. Um espaço de disputa entre agentes (alunos, professores, coordenadores, diretores, burocratas do ensino, etc) pelo monopólio das ações pedagógicas, do código a ser apreendido ou transmitido e dos ritos de iniciação e passagem. "Provam isso, entre outros fatos as diferenças de língua. A língua burguesa comunica uma certa relação com a linguagem, uma certa tendência à abstração e ao formalismo, ao intelectualismo, características que fazem parte das normas lingüísticas da escola" (BONNEWITZ, 2003, p. 120). Desse modo Bourdieu explica porque os *iniciados* e em bem menor número aqueles que com resignação são capazes de negar ou recusar seu *habitus* de classe ou grupo sócio-cultural, para incorporarem o arbitrário cultural institucionalizado pela escola e inculcado pelo trabalho pedagógico, são os que têm maiores chances de ocuparem posições privilegiadas no espaço social ampliado. Quando fala que as meninas, por sua docilidade, tem maiores chances de sucesso no sistema de ensino o autor evidência isso, que ele define como uma espécie de tendência sociológica do campo educacional. "Autorizar os jogos com a regra institucional [...] é inculcar, através de uma relação com o docente, uma relação com a instituição escolar e, através dessa, uma relação com a linguagem e com a cultura que não é outra se não a das classes dominantes" (BOURDIEU, 1975, p.137).

Assim, ao estudar as engrenagens de funcionamento do sistema de ensino, Bourdieu, coloca os conceitos chaves de sua sociologia para funcionar. Através das categorias *habitus* e campo, elucida o fazer da escola pela revelação da ação de uma violência dissimulada. Aquilo que ele definiu por violência simbólica, o cimento da coesão social, ou da mediação da relação sujeito social/estrutura, amalgama da construção da dominação consentida. Nesta perspectiva, "a ação não é mais considerada como simples execução, mas sim como núcleo de significação do mundo; a sociedade não existe como totalidade, como intersubjetividade que tem origem na ação primeira do sujeito" (ORTIZ, 1983, p. 12).

Assim, todo problema científico "(...) consiste, porém, em encontrar a mediação entre agente social e sociedade, homem e história" (ORTIZ, 1983, p. 14). Ou seja, levando-se em conta que é o *habitus* que faz essa mediação, toda equação sociológica

consistiria em descobrir quais são os sistemas de disposições duráveisque orientam tal relação.

> Se a sociologia não tem a ação, mas conhecimento como finalidade primeira, ela *fornece*, *não obstanteinstrumentos de compreensão do mundo social que permitirão aos agentes sociais lutar contra todas as formas de dominação, que são ainda mais eficazes por repousarem na própria negação da dominação* (BONNEWITZ, 2003, p 45 – grifos do autor).

Não é outro se não esse movimento, que Bourdieu desenvolve em *A Reprodução.* Desvela, por meio, de uma ação epistemológica um modo de dominação, fornecendo, desse modo, elementos para a ação política, para a subversão. Sem, no entanto, imaginar que pudesse substituir os políticos de carreira ou os militantes.Mantêm-se fiel ao entendimento de que antes detomar partido em um debate ou luta ideológica a sociologia deve primeiro compreender a lógica deste embate.

4 Um esforço de síntese

Ainda que tivesse motivos para um acerto de contas[9], Pierre Bourdieu não retornou à escola com essa intenção. Também não o fez pela falta de um objeto melhor, com a intenção de dar seu *pitaco* em um produto sempre em alta no campo acadêmico[10]e muito menos por um mero arbitrário qualquer. O cientista francês tinha dois objetivos muito bem definidos: Conhecê-la e, por extensão, comprovar que é possível conhecer o homem imerso na organicidade das relações com seus pares. Em outros termos, muito mais que desvelar a escola, Bourdieu pretendia experimentar a validade do método de pesquisa que seus estudos começavam a delinear e que se apresentava como uma chave de explicação da dominação consentida. Para tanto, além de descobrir na sociedade as instâncias de produção desse consenso, seria necessário compreender os mecanismos mais sutis de promoção da adesão, bem como, a lógica de orquestração desse controle legítimo.

Sendo assim, é importante ressaltar que o autor não parte de um questionamento metafísico ou de uma espécie de inspiração divina. Suas matrizes de interlocução, Marx, Weber e Durkheim, jogam um enorme facho de luz sobre um longo caminho, que Bourdieu resolveu enfrentar em sentido inverso, partindo do ponto mais longínquo e

[9] Passei a maior parte da juventude numa pequena aldeia escondida no sudoeste da França. E só pude satisfazer as exigências da instituição escolar renunciando a muitas de minhas experiências e aquisições primeiras, e não apenas o meu sotaque. (...) Dito isso, é verdade que sou um produto da Escola Normal que traiu a Escola Normal (BOURDIEU, 1992, Apud, BONNEWITZ, p. 11, 2003).

[10] Com a pesquisa sistematizada em *A reprodução*, Bourdieu descobre que seu objeto, o sistema de ensino francês, seria fundamental para a elaboração do conceito de campo, central em sua teoria.

vasculhando minuciosamente com uma espécie de microscópio super-potente as variadas trilhas abertas pelos três iniciadores.

Assim, a escola apresentou-se ao autor, como uma dessas pequenas clareiras que deveriam ser retomadas à luz de uma lente de observação mais complexa. Desvendar uma instituição de educação por excelência e, por assim dizer, produtora do consenso e da legitimação da dominação, permitiria a Bourdieu colocar à prova seu método de produção de conhecimento ou de desnaturalização do mundo.

Ao que entendia como imobilismo sociológico da época, Bourdieu contrapõe o método da teoria da prática. Uma formulação epistemológica que parte do pressuposto de que só é possível definir uma estratégia de ação quando se passa a conhecer muito bem o objeto do qual se fala, ainda que essa revelação provoque inconformismo ou dor. Até porque ambos os sentimentos são os combustíveis para a busca da solução inexistente, mas sob o qual se depositam as expectativas mais diversas.

É nesta perspectiva que deve ser lida *A Reprodução*. Partindo daquilo que o autor chama de crítica radical acerca do papel do sistema de ensino francês pós-revoluções burguesas, a pesquisa que redunda em tal obra, produz a desmistificação da crença (senso comum) que apreende, representa, neutraliza e dissimula a ação da escola. Portanto, Bourdieu não faz referência a uma instituição qualquer, a escola sobre a qual fala seus estudos empíricos é datada e revela-se na materialidade de seu fazer expresso. Trata-se da escola republicana, fundada sobre a base da ideologia, da legitimação das desigualdades escolares e sociais. Em seu estudo, revela o sistema de ensino francês como um campo de poder, ou seja, um espaço de relação de força (disputa de capitais) entre agentes sociais dotados de um sistema de disposições estruturadas com predisposição a funcionarem de modo estruturantes. Em outros termos, pode-se dizer que Bourdieu percebe no espaço social escolar a possibilidade de ver suas categorias epistemológicas em pleno funcionamento.

Nesse sentido, quando passa a problematizar acerca da escola Bourdieu vislumbra um objeto de estudo fecundo para a sua intenção de descobrir como o mundo dura, persevera no ser e se perpetua em ordem social. Está é certamente, a principal premissa para se compreender todos os limites e possibilidades da análise que o autor desenvolve na obra *A Reprodução.* Bourdieu não pensa a ciência como exercício de futurologia. Como ele mesmo afirma, em *Contrafogos*, não é dado a profetizações. Por isso sua sociologia não se preocupa com aquilo que não se expressa na materialidade

dos fatos concretos, bem como recusa qualquer reflexão orientada por *devir.* Se assim o fosse a dimensão de sua problemática seria outra. Talvez, por exemplo, pesquisar no universo das instituições criadas para *educar,* aquelas que se orientassem pelo esforço de *deseducar*, ou seja, educar sujeitos sociais para uma outra conformação social. Porém, para Bourdieu este poderia ser um outro tipo de estudo que seria da alçada das ciências sociais, por se tratar de um objeto excepcional, isolado e enquanto fenômeno social, inexistente. Portanto, não se pode dizer que para Bourdieu a escola de *A Reprodução* não permita ou possibilite a transformação da ordem social. Isso porque essa não era sua questão ou problemática. Nessa obra o pesquisador partindo da observação do *habitus* escolar buscava, por um lado, compreender a dialética do consenso aparente que se produz acerca de uma instituição social, e por outro, construir uma síntese que se constituísse em referência epistemológica para o estudo de todas as demais.

5 Referências

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu.** Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A casa ou o mundo às avessas**. In: CORREA Mariza, (org) Textos didáticos – ensaios sobre a África do Norte*,* São Paulo: IFCH/UNICAMP, Nº 46, 2002.

_____. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro, Lisboa: Difel e Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Senso Prático**. Petrópolis: vozes, 2009.

BOLTANSKI, Luc. **Usos fracos e usos intensos do Habitus**. In: LAGRAVE, Rose-Marie; ENCREVÉ, Pierre (orgs). Trabalhar com Bourdieu. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CATANI, A. M. et alli. **Pierre Bourdieu**: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: TURA, Maria de L.R. (Org). Sociologia para educadores. Rio de Janeiro: Quartert, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**: O breve século XX (1914-1991). São Paulo Companhia das Letras, 1995.

MARTINEZ, Paulo H. (Org*).* **Sete ensaios sobre o Collége de France**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, C. B. **Estrutura e ator: a teoria da prática em Boudieu.** In: Educação e Sociedade, n. 27, 1987.

MICELLI, S. **A força do sentido**. In: *A economia das trocas simbólicas*. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. VII-LXI.

ORTIZ, R. **A procura de uma sociologia da prática**. In: Pierre Bourdieu. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1983.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura.** São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1986)

SILVA, Márcio. **A casa kabila revisitada**: um exercício de antropologia lingüística. In: CORREA Mariza, (org) Textos didáticos – ensaios sobre a África do Norte, São Paulo: IFCH/UNICAMP, n. 46, 2002.